Conselho Executivo da Luta / Frente Armada - CEL/FA

TL64

MENSAGEM DA LUTA

Compatriotas Maubere!
Companheiros de Luta!

Após quase meio século de silêncio, venho hoje em nome do CNRM e das FALINTIL Aswain dirigir-vos esta mensagem da Luta, procurando abordar um boundo sobre os últimos acontecimentos que passam de nossa Luta uma tragédia jamais vivida nesses últimos anos de Resistência do nosso Povo à vil e cobarde invasão e ocupação indonesia à nossa Pátria!

O 17º (décimo sétimo) ano de Resistência Armada contra a selvática ocupação militar indonesia à nossa Pátria findou pontue de situações dramàticamente avassaladoras cujas consequências desastrosas estão sendo hoje profundamente sentidas por toda a Resistência.

A captura de Xanana Gusmão, o carismático e histórico líder consensual da Resistência Timorense, foi o acontecimento do ano de traginas dimensões que a história da Resistência dos últimos anos da Campanha Nacional de Março/81 à data jamais registou nas suas páginas ensanguentadas.

A destruição total da nossa organização de resistência clandestina que teve lugar na sequência da captura do nosso líder, foi outro acontecimento dramático que abalou as estruturas da Resistência Timorense.

E como se tudo isso não bastasse para sentirmos já os efeitos avassaladores dessas dramáticas situações que abalaram todo o edifício da Resistência Maubere, demolindo as suas muralhas e provocando fendas profundas na sua estrutura, pouco antes que nos actuais circunstâncias em que estamos resistindo à ocupação indonesia se nos tornam muito mais difíceis para não dizermos impossíveis de serem reparadas e, mal-sujeitos que fomos com a recomposição da nossa direcção de Luta, o 18º (décimo oitavo) ano de Luta armada iniciou marcando

mais um acontecimento dramático pois, o inimigo desferiu-nos mais um novo e duríssimo golpe com a captura do líder substituto de Xanana Gusmão, o companheiro Mã' Huno, o último membro mais veterano da anterior Direcção da Luta, fechando assim a última página de uma história ingloria de velha geração de Direcção da nossa Luta.

Compatriotas Maubares
Companheiros de Luta

Há muito que o inimigo vem-se esforçando em exterminar totalmente a Direcção da Luta e em FALANTIL através - como a condição única e premente para acabar com o conflito armado em Timor Leste.

A captura dos líderes máximos da Resistência, vivos ou mortos, sempre foi o objectivo de maior cobiça das autoridades ocupacionista indonesias, cobiça esta muito disputada entre os militares indonésios para fins pessoais.

Para o efeito, a par das sucessivas operações militares do exército ocupante para a realização do seu sonho megalómano, os serviços secretos de informação indonesios - a "Intel", vem intensificando também as suas actividades de busca de dados, melhorando os seus métodos de recolha de informações sobre a Resistência e a sua Direcção e ensaiando sempre novas e sofisticadas tácticas para a obtenção de dados mais actualizados e precisos sobre a Resistência e a localização exacta dos seus líderes.

A realização dessa maior cobiça pela captura de Xanana Gusmão, em 20 de Abril de 1992 e de Mã'Huno, em 3 de Abril de 1993 atestou, por um lado, a eficiência dos serviços secretos de informação indonesios e, por outro lado representou o maior e o mais duro golpe que a Resistência Maubere e a sua Direcção sofreu nesses últimos anos de Resistência, desde a Conferência Nacional de Março/'81 à data.

O inimigo dizia que foi o seu golpe mortal desferido contra a Resis-

tência Timorense, marcando o fim da Luta de Resistência à sua ocupação porque:

a)- O Comando Estratégico da Resistência Timorense, o cérebro de organização da resistência à sua ocupação deixou de existir, porque os líderes mais veteranos, ideólogos, sábios e estrategas da Resistência já estão todos presos.

b)- Os restantes membros da direcção, novatos, analfabetos, sem formação técnica nem experiência de direcção não serão capazes de continuar a dirigir a Resistência.

c)- As FALINTIL rudimentares, não poderão suportar uma guerra prolongada porque sem o seu Comando e com o fim do apoio popular que desfrutam, deixaram de ter garantias quanto ao seu reabastecimento em pessoal e material.

d)- As populações sobreviventes estarão, pois pois dia cada vez mais crescentes dificuldades resultantes do prolongamento da guerra, sujeitas ao desespero e à exterminação total, por isso mesmo, não terão outra solução a escolher se não a de depor as armas e render-se às autoridades.

e) - E, finalmente, o fim da Resistência Timorense acaba de conhecer o seu princípio porque a população desmoralizada e frustrada deixou de ter confiança na sua direcção e nas FALINTIL, as FALINTIL deixaram de constituir o factor de instabilidade permanente no território, as acções da guerrilha deixaram de constituir o factor político mobilizador das mesmas populações e Timor-Leste estará, em pouco tempo, estabilizado onde a "actividade" de "Fini-Fini" trabalha livremente pelo seu bem estar e colaborando com as autoridades e o exército na construção do progresso e desenvolvimento da "província".

Por tudo isso, a frente externa deixará de ter argumentação política para continuar a invocar e defender os direitos da população timorense porque esta já se auto-determinou, escolhendo por sua livre vontade a integração do território na Indonésia, está feliz com os benefícios do "bem-estar" que a "integração" trouxe à província e, por isso mesmo, tem ajudado e continua ajudando as autoridades e o exército na captura dos líderes mais importantes da Resistência e na erradica-

ção da própria guerrilha.

Compatriotas Manbere,
Companheiros da Luta

Passaram-se nesse de silêncio em que ouvíamos apenas o som das trombetas dos ocupantes tocando a euforia da sua vitória e o bombardear nuboso das suas propagandas semeando confusão, terror, intimidação, desânimo, desmoralização e derrotismo. Mas também, para cá, das montanhas da Pátria se ouviam e se ouvem aqui e além, o troar contínuo das armas das guerrilheiras das FALANTIL, tocando sobre os cadáveres dos soldados indonésios a canção de liberdade do nosso Povo, alimentando esperança.

20 de Novembro de 1992 a 25 de Abril de 1993, passaram-se 5 ciclos nesses cheios de situações dolorosas e angustiantes, cheios de dôr e de lágrimas, cheios de tristezas e frustrações, cheios de dúvidas e incertezas, cheios de inquietação e ansiedade, numa mescla de cáos e esperança!

Hoje, pensamos chegar já o momento oportuno para fazermos um breve balanço da situação porque passou a nossa luta e ganharmos novo alento moral e vigor patriótico, reunindo coragem política necessária para tomarmos medidas importantes e decisivas a fim de desfazermos o espesso manto negro que obscurece o horizonte de esperanças da nossa Luta.

Começamos reconhecendo que vivemos e sentidos o enorme peso das consequências desastrosas e irreparáveis desta crise que resultou das capturas sucessivas dos nossos líderes, crise essa que abalou todo o edifício da Resistência Maubere, provocando fêridas profundas e quase irreparáveis porque:

1- No plano da Direcção e da Luta, Xanana foi todo ele mesmo a Resistência Maubere, Xanana foi o rádio, o estratega, o intelectual fora do comum na sociedade timorense, segundo o Dr. Mário Carrascalão, o ideólogo e o arquitecto que soube reerguer das cinzas de destruição, o novo edifício da Resistência Maubere. Xanana foi o líder carismático que soube im-

nir na luta as diversas transformações políticas necessárias, tornando a luta numa resistência nacional e libertador, nacionalista; Xanana foi incansável lidar lutador pela consecução da unidade dos timorenses, unindo todas as forças patrióticas e nacionalistas, todo o Povo de Timor-Leste na resistência contra a ocupação indonésia, lutando lado a lado sem preconceitos políticos pretéritos nem descriminações de qualquer ordem em torno do objectivo comum - a libertação da nossa Pátria-Comum-Timor-Leste, Xanana foi, portanto, o símbolo da unidade do nosso Povo, o símbolo da Luta.

2- As capturas sucessivas dos nossos lideres foram para a Direcção da Luta e para toda a luta uma derrota estratégica, cujas consequências estão sendo profundamente sentidas na nossa luta pela diminuição visível das nossas capacidades de resistência em todos os planos. Mas, não representou o fim da Resistência Maubére.

Perdemos, sim, os nossos mentores ideológicos, os nossos maiores sábios os nossos maiores estrategas. Sofremos, sim, uma derrota estratégica de carácter decisivo mas não perdemos a guerra, a captura dos nossos lideres não representou o fim da Resistência do Povo Maubére porque:

a- a derrota que sofremos foi traduzida apenas na perda física e intelectual dos nossos lideres na resistência, capazes de interpretar correctamente as experiências de luta do nosso Povo e indicar-lhe o rumo certo a seguir, mas, o seu PENSAMENTO - fruto de sangue, de suor, de lágrimas, de sofrimentos e sacrifícios, de morte de todo um Povo que resiste denodadamente à ocupação, FICOU.

b- nós, os actuais membros da Direcção da Luta que ainda resistimos nas montanhas, embora nunca desejássemos colocar-nos em bicos-de-pé para nos comparar aos nossos lideres capturados porque reconhecemos em nós mesmos as nossas extremas limitações, não nos faltam vontade e determinação para continuarmos a lutar, dignificando a luta do nosso Povo e cumprindo o nosso dever de morrer pela libertação da nossa Pátria. Somos, na verdade, demas-

s.ado pequenos e fracos para ousarmos assumir hoje tamanha responsabilidade
ser, o nosso pensamento, o pensamento que vos guia é grande.

Além disso, temos a confiança dos vossos guerrilheiros, dos vossos Povo dos nossos Compatriotas na frente interna e não trairemos nunca essa confiança!

C - apesar de todas as previsões optimistas dos estrategas militares indonésios de que as FALINTIL não poderão suportar mais uma guerra prolongada e se renderão inevitavelmente, os valorosos guerrilheiros continuam determinados a resistir de armas em punho nas montanhas, aceitando continuamente o sacrifício da sua própria vida como o preço da liberdade do seu Povo. As FALINTIL estão conscientes do seu sagrado dever e, por isso mesmo, apesar de terem chorado pela captura do seu Comandante, do seu líder, irmão e pai, apesar de constatarem as enormíssimas dificuldades que o prolongamento da guerra lhes impõe, continuam firmes e determinados no cumprimento do seu dever sagrado - o de morrer pela libertação da Pátria. - Ninguém se vergou à pressão psicológica do ocupante, antes pelo contrário, todos juraram vingar a captura dos seus líderes, o sangue derramado pelos seus companheiros na frente armada e dos seus irmãos na frente clandestina, matando continuamente o soldado indonésio e cobrindo de vivo sangue o chão sagrado da nossa Pátria Timor-Leste, este pedaço de Terra que é a sagrada herança deixada pelos nossos ancestrais. Cremos que tendo ouvido e acompanhado as operações que as FALINTIL realizam um pouco por toda a parte, depois da captura dos nossos líderes, como em Ihunsar, Lospalos, Laivai, na entrada Beaço e Natarbora, nas áreas do Mundo Perdido, na entrada de Kairabela / Baucau, nas áreas de Manatuto, nas áreas de Fatuberlio e Same, na fronteira Bobonaro, em Hatolia, em Tarbe / Kasaluto, áreas de Aitana, em Manufahi / Kablake, etc. etc.

Houve baixas humanas e materiais, traduzidas em mortes

e capturas pelo inimigo e houve também uma e outra guerrilheira rendida. Mas embora reconhecendo a falta que a rendição de uma guerrilheira produz nas fileiras da resistência armada, falta essa que é tanto mais sentida quanto temos em conta as cada vez mais crescentes dificuldades de recompletamento em pessoal e material, isso não representou nada, absolutamente nada, se formos comparar com a situação de uma 78/79, após a morte do saudoso Presidente Nicolau Lobato! Aliás, mesmo antes da captura do Comandante das FALINTIL, já havia rendições de homens e armas e queríamos dizer que, em muitos anos, até eram rendições consentidas pela direcção da luta como uma necessidade, como uma exigência da própria luta pela necessidade de salvaguardar as actividades da mesma. E os guerrilheiros estão conscientes disso, aceitam esses sacrifícios para preservarem as actividades de luta e estão conscientes também que lá onde se encontrarem, aí existe luta e nela participarão buscando todas as formas de luta ao seu alcance para continuarem a resistir à ocupação.

Nós, os guerrilheiros das FALINTIL estamos prontos para a exterminação, sempre estivemos prontos para a exterminação! Mas sabemos que a nossa exterminação será um grande exemplo de patriotismo para os filhos de Timor-Leste. Para a juventude maubere, o caminho aberto com o sangue dos seus irmãos mais velhos, com o sangue das FALINTIL, é uma obrigação - a de prosseguir a obra deixada pelos seus irmãos exterminados, continuar a lutar pela libertação da Pátria, pelos direitos do seu Povo e do seu próprio futuro.

Portanto, mesmo que os guerrilheiros possam exterminados, a guerra não acabará, a luta não parará até porque o exemplo dos guerrilheiros é e será para os filhos de Timor-Leste a resistir com maior determinação.

É por isso que afirmamos que o esforço do criminoso ocupante de exterminação das FALINTIL é um esforço inútil, porque mesmo que consiga exterminar as FALINTIL, isso não acabará com o conflito político e armado em Timor-Leste. Comparando a uma Resistência a uma árvore, se se pensa em cor-

uma rama para matar a árvore, esta não morrerá até porque novo ramo nascerá substituindo o que foi cortado. As FALINTIL possuem uma grande capacidade de sobrevivência e renovação de si mesmas porque à sua volta é o Povo Maubere e a sua luta de ter, não as legítimas e mais profundas aspirações desse mesmo Povo Maubere.

Por outro lado, a questão essencial da estabilidade, da paz não é quem tem mais força para impôr a paz pela força das armas. O problema fundamental da PAZ que se quer alcançar para Timor-Leste, para o nosso Povo é a JUSTIÇA e LIBERDADE.

d) - É, fundamentalmente, porque o Povo Maubere continua determinado a persistir na Luta que é sua. A luta armada é apenas uma das vertentes da Resistência Maubere no seu conjunto. Os guerrilheiros das FALINTIL podem ser exterminados, serão exterminados mas enquanto o Povo Maubere não lhe for dada a oportunidade de escolher o seu futuro livremente, enquanto o Povo Maubere não encontrar justiça e LIBERDADE na paz que almeja alcançar, a resistência timorense à ocupação indonésia prosseguirá até as últimas consequências!

A captura dos novos líderes não pode ser interpretada como a renúncia do nosso Povo à sua luta, como a negação dos nossos Povo aos seus direitos, como a hostilidade do nosso Povo ao seu braço armado - as FALINTIL armais e a sua direcção como os indonésios pretendem fazer crer com a sua falsa propaganda.

Com a captura dos nossos líderes, o nosso Povo sofreu um forte abalo psicológico e moral mas, a sua fé na luta e a sua esperança no futuro não esmoreceu; o nosso Povo continua a depositar confiança na sua direcção e no seu braço armado - as FALINTIL estruam, apelando-nos para não depormos as armas e rendermo-nos ao inimigo porque isso poderia representar a sua escravização eterna.

Por outro lado, queremos acrescentar que não há luta neste mundo que nunca tivesse sofrido derrotas, que apenas tivesse conhecido vitórias, que ao longo do seu desenvolvimento nunca tivesse registado actos de cobardia, de infidelidade e de traição. Tentaram perceber que Amílcar Cabral, o líder histórico do PAIGC não terá sido assassinado pela PIDE portuguesa se não houvesse pago de informação aos próprios filhos do PAIGC. Amílcar Cabral morreu assassinado pela PIDE mas, a sua morte não

representou o fim do apoio do Povo guineense ao PAIGC e a luta que o PAIGC dirige, antes pelo contrário, os guineenses armaram-se firmes na sua luta, prosseguiram o seu combate com maior determinação e venceram o colonialismo português, conquistando a sua independência.

Não queremos fazer transposições de situações porque reconhecemos a especificidade de condições em que cada luta se desenrola, queremos apenas registar que a luta do nosso Povo prosseguirá até à sua libertação, mantendo em todos os planos porque o nosso Povo está consciente do carácter sagrado dos seus direitos, o nosso Povo guineense derramou o sangue derramado dos seus predilectos filhos, e nosso Povo acredita que a força da razão vencerá a brutalidade das armas e que o direito e a justiça triunfarão sobre o terror do crime e da injustiça. Apesar desta crítica situação, o nosso Povo continua animado, acredita na sua Revolução e tem uma infinita esperança na vitória, embora saiba que ainda tem um longo caminho a percorrer.

Não são meras palavras de circunstância, vazias de conteúdo quando afirmamos que o nosso Povo persiste na luta buscando todas as formas de luta possíveis para resistir à ocupação pois, nada pode a fineza e determinação do nosso Povo, dos nossos camaradas, das nossas populações, não temos nada possível hoje relativamente aos escombros de uma fábrica arruinada da Romitenda A NOVA ESTRUTURA DA LUTA.

É difícil o mundo compreender essa realidade mas, é precisamente isso que vivemos e o próprio inimigo sabe disso. Afirmamos sem exageros que continuamos a receber o apoio do nosso Povo em todos os planos porque a luta do nosso Povo continua também em todos os planos.

Há 18 (dezoito) anos atrás, pensava-se que era impossível ao Povo Manjaco resistir por mais de 48 (quarenta e oito) horas e hoje já estamos no 18º (décimo oitavo) ano de luta em todas as frentes de combate.

Também há 5 (cinco) anos atrás, em E.E., pensava-se ser impossível uma nova frente com êxitos. Pensava-se que era impossível porque se

julgava que todos aqueles anos de terror e crimes tinham conseguido matar a determinação do Povo Maubere e que o Povo Maubere acabaria por se esquecer a Independência. Hoje, muita gente pensa que com a captura dos nossos líderes históricos, o nosso Povo já não pode RESISTIR mais. Mas essas pessoas esquecem-se simplesmente que a violência do crime, o terror das armas matam as pessoas mas não matam o seu pensamento e, quanto mais matam, quanto mais punham, quanto mais torturam, as pessoas, os timorenses ficam mais determinados para lutar porque toda a injustiça só tem a virtude de criar mais ódio e adversários ao sistema que a pariu, ao regime militar assassino de Jacarta.

Compatriotas Maubere
Companheiros de Luta

Podem ter ficado impressionados pelo facto de não termos abordado a situação da nossa luta na frente diplomática, apesar de reconhecer-mos que ela constitui, no actual momento e no futuro o factor decisivo para a solução da questão timorense.

A explicação é simples. O isolamento total que vivemos nestes últimos meses não nos permite acompanhar a evolução dos acontecimentos que se desenrolam lá fora com relação a nossa luta, pois não possuimos meios nem informações sobre o que se passa na frente externa da nossa luta.

É por isso mesmo, que iremos apenas abordar sobretudo determinados aspectos que a nossa pobre compreensão alcança pelo que, o que viermos apresentar merecerá as vossas críticas e correcções.

Pensamos que a captura dos nossos líderes constitue o maior trunfo diplomático até aqui alcançado por Jacarta e a sua diplomacia pode livremente jogar esse trunfo da forma que melhor entender.

A reivindicação de Indonésia sobre o Território de Timor-Leste como a sua 27ª (vigésima sétima) província, como produto da vontade popular

do "rebgat" de "Timo-Timo" de escolha livre do seu futuro, do seu distinto contra agora, segundo pensamos, maior fundamento na captura dos nossos líderes. O mundo pode agora gritar ao mundo com os pulmões todos cheios de arrogância de que o "rebgat" de "Timo-Timo" já se tornou mesmo, escolhendo por sua livre vontade a integração, está feliz com os benefícios da "pax bangusana" que a "integração" trouxe a "província", desprezando a sua luta e tornando-se hostil à guerrilha, ajudando as autoridades e o exército na fase mais crucial de informação e colaborando activamente na captura dos líderes da guerrilha e na erradicação da própria guerrilha.

Ao forçarem Xanana Gusmão a "aceitar" a sua soberania sobre o território de Timor-Leste, a Indonésia pode com isso "provar" ao mundo a validade da sua tese de que a questão de "Timo-Timo" é já um facto consumado, "Timo-Timo" é território indonésio por livre escolha popular e portanto, o problema de Timor-Leste é assunto interno da Indonésia, para além de que o próprio líder da resistência já "aceitou" livremente" a integração. Portanto, esqueçam Jakarta, é coisa do passado!

O nosso ponto forte reside na questão dos direitos humanos, questão por qual recebemos o amplo apoio da Comunidade internacional e dos governantes do Ocidente, os senhores donos do poder neste mundo, os campeões de defesa dos direitos humanos.

Mas Jakarta sabe também que o ocidente não entrará de ponto a ponto a sacrificar os seus interesses económicos pelos direitos humanos dos timorenses e muito menos pelos seus direitos fundamentais - o direito à auto-determinação e independência nacional. A crise económica que assola hoje o mundo veio pôr Portugal a potência administrante cada vez mais importante - Portugal como membro da CEE é, talvez, de entre os dois, o país mais economicamente pobre, dependente dos países mais da CEE e, por isso mesmo, não estará capaz de mobilizar esses países em defesa da nossa causa. O velho continente preferirá as enormes somas de riqueza que extrairá da Indonésia pelo investimento dos seus capitais, pela cooperação

tecnológica, comercial e económica para a recuperação da sua economia do que defender os nossos direitos, os direitos do nosso povo, já que a Indonésia é um país rico, com uma economia em desenvolvimento, um grande parceiro económico e comercial dos países ricos do ocidente enquanto que Timor-Leste é uma gota de água no oceano dos grandes interesses do mundo rico.

Jakarta ao explorar esta situação e pela necessidade de mostrar ao mundo as suas autoridade moral para falar em direitos humanos, em direito internacional, para desempenhar um grande papel de destaque no mundo já que é a grande potência regional, vai jogando o seu trunfo a seu bel-prazer, tomando iniciativas que lhe aparentem aos olhos do mundo como uma defensora dos direitos humanos, iniciativas que não passam de uma grande farsa mas que são muito bem-vindas, são bem aceites e louvadas pelos seus aliados políticos, religiosos, económicos e comerciais deste mundo de injustiças. Essas iniciativas revelam-se por exemplo:

- no "tratamento humano" que dá aos prisioneiros de guerra, como os casos de Xanana Gusmão e Mau Hunu e de outros presos políticos.
- Conceder-lhes visitas da Cruz Vermelha Internacional
- Proceder o julgamento de Xanana Gusmão à "portas abertas" segundo os direitos humanos fundamentais e, em particulares, dos direitos que assistem aos prisioneiros de guerra.
- Conceder aos líderes guerrilheiros presos entrevistas de jornalistas da imprensa internacional
- permitir contactos da ONU aos líderes capturados, etc. etc.

Todas essas iniciativas visam conseguir o apoio internacional à sua tese e remeter Portugal à uma posição de defensiva grosseira e, também, remeter ao descrédito internacional a acção da nossa frente externa.

Por tudo isso, já previamos que as recentes negociações tripartidas entre Portugal, Indonésia e ONU em Genebra em Nova Iorque e as de Abril em Roma, não viriam resultar qualquer efeito positivo para a nossa luta, uma vez que Jakarta que já tendo todo o trunfo na mão iria persistir na sua inflexibilidade,

assumindo uma postura de firmeza nas suas reivindicações e apelando ao realismo, levando Portugal a ter mesmo a aceitar a realidade.

Mas reconhecer apenas o lado positivo do inimigo seria negar-lhe a nossa própria existência. Ter apenas a "melhoria" dos direitos humanos é negarmos a causa de constante e abusiva violação dos direitos humanos cometidos pela Indonésia que consente na persistente resistência do povo timorense à sua ocupação e que a violação dos direitos humanos é característica desta resistência, uma resistência que se funda na defesa dos direitos fundamentais do nosso povo, o direito à auto-determinação e independência nacional.

A questão de Timor-Leste não é uma problema interno da Indonésia. A questão de Timor-Leste é uma questão de descolonização; portanto sobre a alçada do direito internacional. A questão de Timor-Leste não pode, nunca pode ser resolvida com os leis da Indonésia, mas sim exclusivamente pela aplicação das resoluções da ONU relativas a descolonização.

A reivindicação de Indonésia sobre o território de Timor-Leste entra em confrontação com os princípios defendidos pela ONU de "não-uso da força" e de "ilegitimidade da conquista militar" como fundamento aceitável de soberania, princípios que a própria Indonésia foi subscritora.

A reivindicação de Indonésia sobre a integração do território de Timor-Leste na Indonésia como "produto da vontade popular" viola os princípios consagrados na Carta das Nações Unidas sobre "o exercício livre do direito à auto-determinação dos povos sob dominação colonial", princípios pelos quais as Nações Unidas se bateram ao lado dos seus e que deram origem a maioria dos Estados soberanos que hoje engrossam o efectivo da ONU, como estados membros.

A ONU continua a reconhecer Portugal como tendo a potência administrante legal do território de Timor-Leste.

Portugal, apesar das suas fraquezas, continua firme no cumprimento dos seus deveres decorrentes da sua própria Constituição como relação a Timor-Leste à luz do direito Internacional.

- A solidariedade internacional para com a nossa luta, embora se caracterize um crescendo até do seu apoio à nossa luta, permite e faz crer a persistência internacional a par por nosso nome, faz crer mais ao plano de direitos humanos.

- Embora se verifique uma certa passividade dos nossos líderes na frente exterior, essencialmente dos líderes da FRETILIN e da UDT, pelo facto de não terem conseguido até agora reorganizar as duas organizações partidárias, significativas da CNT, Jakarta tem a sua frente a nossa acção diplomática e de sensibilização internacional. Surge agora uma nova força combativa, liderada pelo Representante Especial do CNRM no exterior, o Dr. Ramos-Horta, constituída por uma camada de jovens estudantes, activos e dinâmicos, constituindo um verdadeiro desafio à diplomacia de Jakarta e esperando o inaceitável imobilismo que se verifica nas direcções da FRETILIN e UDT.

- As ONG's e a solidariedade sem fronteiras políticas e estratégicas. Continuam defendendo a nossa causa e a sua persistente acção a favor dos nossos direitos, condenando não só a violação dos direitos humanos em Timor-Leste como também uma barreira de indiferença e isolamento do ocidente relativo à política de fechamento de nosso País, embora não possuísse força de lei, constitui uma verdadeira pedra-de-toque do regime de Jakarta.

Por tudo isso, concluímos que a existência dos líderes de resistência Timorense não representou o fim da luta do Povo Maubere pela sua libertação nem a negação dos seus direitos fundamentais - o direito à auto-determinação e independência nacional porque:

1- A Direcção da luta continua a existir! Está-se reorganizando. Apesar de reconhecidas as suas extremas limitações, o seu pensamento político é grande e tem a confiança dos guerrilheiros, do nosso Povo e dos companheiros da frente Externa, pelo que a Direcção da luta no interior do País não terá nunca essa confiança.

2- As FALINTIL continuam determinadas a resistir às armas na

pranchi com o seu vivo sangue o chão sagrado da nossa Pátria!

3. A frente diplomática da nossa luta mantem-se activa e obtém-se na arena internacional as defesas da nossa causa.

4 - Timor - Leste continua a ser ainda uma questão de Direito Internacional cuja solução tem que passar pela resolução da ONU e Portugal como potência administrante legal, continua firme no cumprimento dos seus deveres com respeito a Timor - Leste.

5 - A solidariedade internacional mantem-se, apesar de se verificar um nítido decrescendo do seu apoio à nossa luta.

6 - E, fundamentalmente, porque é o Povo Maubere que está determinado a lutar e a vencer pela sua justa causa, aceitando todos os sacrifícios que a sua decisão provoca, porque o nosso Povo está consciente do carácter sagrado dos seus direitos. O nosso Povo acredita que a prova da razão vencerá a brutalidade das armas e que o direito e a justiça triunfarão sobre o crime do terror e da injustiça. O nosso Povo continua unido, acredita na sua Direcção e tem uma inquebrantável confiança na vitória. O nosso Povo jamais desistirá de lutar, enquanto não for um Povo livre e independente.

7 - A solução para o problema timorense tem que passar por uma solução internacionalmente aceitável como prevê a ONU através da sua resolução nº 37/30 de 1982, mas isso não chega a menos que a Resistência Timorense entre num diálogo sem pré-condições sob os auspícios da ONU.

As recentes levadas a cabo por Jakarta sempre procuraram colocar fora da mesa das negociações a Resistência. Com a captura dos nossos líderes, Jakarta assume hoje uma postura de maior firmeza nas suas reivindicações e aquela Portugal e o mundo para o seu realismo.

8 - Permite esta intransigência firme de Jakarta hoje que saibamos

fazer da nossa fraqueza forças para superitarmos o ocupante. Perante esta situação, devemos ser capazes de encontrar uma solução que leve o inimigo a aceitá-la. Devemos por isso querer ser realistas, mas não pelo realismo que a reacionária defende. Realismo para nós deve significar reconhecer a concessão à pergunta de paz formulada pelo Representante Especial do Sr. Ramos Horta para a solução da questão timorense não se nega a luta.

Mas se por outro lado considera o nosso dever oferecido pela Resistência Timorense como sinal de total fraqueza e capitulação da própria resistência, respondendo com a arrogância cheia de suas posturas, não temos outra solução a escolher a não, a de continuarmos o nosso combate até ao fim.

II

Compatriotas Maubere.
Companheiros de Luta.

Após esses sucessivos golpes demolidores que o inimigo desferiu à nossa luta e, em particular, a sua direcção, estamos perante uma situação particularmente difícil caracterizada pelo "vazio de direcção".

Ouve-se em todo o lado vozes perguntando sobre o futuro da nossa luta, sobre o rumo a que a fraqueza revelada da nossa Frente, que sucedendo essa ou aquela traição ou de vagas rendições à procura de algum cabrão, vai tomar questionando até mesmo a capacidade de pilotar e guiar o veículo ao bom porto. Somos vozes em todo o lado a perguntando como será a nossa luta, como está a recomposição da nossa direcção de luta. Perante inúmeros informadores e influenciadores com a propaganda do inimigo até já questionarem a capacidade da direcção da luta de reerguer dos escombros do edifício arruinado da Resistência, a NOVA Estrutura da Luta.

São perguntas admissíveis, divididas fundamentadas e inquietantes

compreensíveis e ausência de acções activas, para o sistema que se veio formar após a captura dos nossos líderes tornou-se fácil produzir tudo isso.

Por isso, pensamos chegou já o momento oportuno, pensamos ser esse o momento oportuno para desfazer nesta inquietante situação, esclarecendo o esforço da nossa direcção em reorganizar a estrutura da Resistência no seu conjunto, reorganizando o CNRM.

1- Todos nós conhecemos que o CNRM (Conselho Nacional da Resistência Maubere) como estrutura nacional unificadora das várias diversas correntes políticas, sociais e religiosas, de todos quantos no interior da Pátria ocupada e no estrangeiro lutam pela libertação deste pedaço de Terra-Timor Leste, a bandeira hasteada pelos nossos ancestrais, continua a ser o órgão nacional supra-partidário ou apartidário que comanda a luta no seu todo.

Contudo, estrutura do CNRM entendida como conceito teórico que define as formas de organização da nossa Resistência, i.é, estrutura, busca continuamente objectivos, desde sua materialização prática, procurando adaptação e correspondência às novas realidades que emergem, como produto das transformações políticas necessárias operadas pelos seus actores directos ou como resultado das alterações bruscas que o inimigo nos impõe no decurso da luta como está acontecendo agora.

A captura do camarada Comandante, o líder intelectual, o ideólogo e o arquitecto da formação do CNRM, produziu alterações profundas na composição da estrutura orgânica do CNRM, provocou fendas profundas que impunham necessidade de preenchê-las, mas apesar disso, não alterou em nada os fundamentos políticos básicos que permitiram a existência do CNRM enquanto órgão nacional apartidário.

No esforço de reorganizarmos a estrutura desfalcada do CNRM, formou-se uma Comissão Político-Militar da Resistência Armada composta pelas chefias da Comissão Directiva da FRETILIN-CDF e do Estado Maior dentro

Unitil - EMP que dinamizou a luta em regime transitório e pelo princípio de direcção colectiva de ajuda se colocou à testa, o companheiro Mª Antunes Secretário de CDF como o novo líder da Resistência Timorense.

Esta Comissão Político Militar de Resistência Armada - CPMA - RA, como órgão provisório de luta, funcionava como o braço executivo do Comdt. das FALINTIL no terreno, pois, até então, ainda se reconhecia em Xanana Gusmão o seu papel de líder máximo da luta, apesar de estar preso e sem capacidade de tomar decisão sobre a luta. Este decisão da Comissão Político-Militar de Resistência Armada fundamentava-se na recente da confiança que toda a Resistência Armada tinha no seu líder máximo, apesar dele ter reconhecido a soberania de Portugal sobre o território e nos ter apelado para depormos as armas e rendermo-nos ao inimigo, atitude esta que nos desiludiram a todos nós, mesmo assim, soubemos compreender.

Estávamos por isso mesmo confrontando-nos com uma situação delicada: entre a recente confiança da Resistência Armada no seu líder e a necessidade de tomarmos medidas para evitarmos males maiores à luta tínhamos que escolher uma:

A evolução dos acontecimentos previsível novas mudanças e adversidades a nossa Direcção para tomar medidas a fim de clarificar a situação, decidindo suspender as funções do Comandante das FALINTIL (mesmo preso e estar cargo na estrutura do CNRM).

Se se afirma que na previsão de uma guerra como a nossa, a capacidade subjectiva do seu Comando é factor decisivo para o sucesso da luta, procurando por isso mesmo retirar [illegible] inimigo um pensamento por uma palavra; pensar atentar como a evolução dos acontecimentos no interior de Portugal exigia que a nossa Direcção tivesse de capacidades subjectivas. Não negamos! Reconhecemos como as suas qualidades de resistência mas era também nosso dever fazermos qualquer coisa para corresponder a crise que a luta atravessava.

Camaradas

A captura do Camarada Má Hama, o novo líder da Resistência, foi mais um duríssimo golpe que o inimigo desferiu contra a luta e a sua Direcção. Como consequência, estamos perante uma situação caracterizada pela ausência da Direcção; como consequência também, vivemos hoje uma alteração ainda maior no local da situação, que considerando as nossas condições subjectivas que condicionam as condições reais objectivas.

Esforços foram dispendidos nesse sentido mas para possibilitar um encontro entre os actuais membros da Direcção interna para reorganizar a Luta e a sua Direcção, objectivo que constituía a preocupação central da Direcção. Após a captura do Camarada Má Hama essa preocupação foi ainda maior, tendo-nos esforçado por todos os meios para conseguirmos um contacto entre os membros da Direcção, todavia as dificuldades impostas pelo inimigo impossibilitaram e continuam impossibilitando esse desejo, para mais que estamos de pessoas no terreno para cobrirmos a actual situação, materializando as tarefas estabelecidas.

Estamos, por isso mesmo, vivendo uma situação particularmente difícil. Vivemos uma situação em que se impõe a necessidade de tomada de decisões importantes e decisivas para acabar com esta situação inquietante e perniciosa para a nossa Luta, mas os princípios e regras democráticas que regem a nossa organização de resistência dizem que qualquer decisão importante a ser tomada não deve ultrapassar os limites das Competências atribuídas e, sobretudo, em questões estratégicas como a ausência da liderança interna, a reorganização da Luta e da sua Direcção exigem, no mínimo, a participação e o voto de aprovação de membros que compõem a Direcção.

Por isso mesmo, vivemos uma situação em que só a Consciência das responsabilidades nos impõe o cumprimento dos nossos deveres. Vivemos essa situação em que só a firmeza e determinação podem alimentar vontades e energias novas para tomar uma decisão importante e decisiva. Vi-

vemos uma situação em que as exigências da Luta dictam a necessidade de tomada de decisão individuais, em detrimento das claras regras democráticas que regem a uma organização de Resistência, mas democrática, em termos pobre entender, é também RESPONSABILIDADE!

Impõe-se, por isso mesmo, termos uma coragem política necessária para tomarmos medidas a fim de darmos resposta à actual crise que enfrenta a nossa luta. É necessário tomarmos a peito as responsabilidades que nos foram entregues pela luta para resolvê-la pois o momento actual de luta não admite hesitações, embora reconhecessemos as nossas extremas limitações.

2 - Considerando todos esses factores, no cumprimento dos deveres que assumimos perante a Luta e consciente das graves consequências que o arrastamento da situação caracterizada pelo "vazio de Direcção" representava e representa para a nossa luta, por DEVER e HONRA, eu, Nino Koni Santana, declaro assumir, a partir de hoje, 25 de Abril de 1993, a chefia da Resistência no plano interno, jurando sobre as Armas da nossa bandeira tombada, assumir com fidelidade todos os compromissos assumidos pela direcção anterior e esforçar-me em reerguer os escombros do edifício arruinado da Resistência, a nova ESTRUTURA da luta e esforçar-me também em encontrar uma solução que leve [illegible] a abstenção na a aceitá-la.

É uma decisão pessoal, que embora não pudesse por si só resolver o cíclico problema de Direcção, é necessária porque responde às interinas da luta. É uma decisão que deverá ser ratificada pelos membros da Direcção da luta no plano interno e estou certo, estou convicto que os meus camaradas ratificarão sem hesitações, devendo-lhe todo o seu apoio, todo o seu voto de confiança pelos tempos interinos de uma luta.

Pode parecer a pessoas inconscientes que a nossa decisão é uma medida desesperada para remediar mas o mal, seguindo que as pessoas costumam dizer, "tapa-furos"

É bem que reconhecemos com angústia as nossas fraquezas pessoais que nos tornam menos frequentes para assumirmos hoje tomadas, nunca é de mais, uma atitude desgraçada porque não estamos desgraçados, ou de pouco dedicados nunca constituíram motivo de desgosto para nós em nenhum momento, antes pelo contrário, eles sempre nos motivaram para uma constante mobilização das nossas energias, de nossa coragem e jovem determinação em nós mesmos, tanto individualmente como a Direcção no seu conjunto constituindo eles mesmos a alavanca das nossas iniciativas.

Queremos esclarecer também que ao assumirmos a liderança interina da luta a nossa ausência não equivale certo necessariamente Comando Nacional-FALANTIL, cargo que até já foi ocupado por decisão da CPM-RAP para além de quem nós nos identificamos na FRETILIN, partido que sempre militamos, partido que amamos porque foi ele, a FRETILIN que nos uniu a serviço hoje a Pátria, lutando nas fileiras da Resistência Armada.

Poderia perguntar-se então não equivale a partida da Direcção da luta e de sua direcção? Não! De forma nenhuma porque continuamos a honrar plenamente os princípios políticos básicos que deram corpo à CRRN. Além disso, a estrutura a liderar-se-á passa a Direcção da frente formada funcionar em regime colegial, da qual fazem parte a Chefia do Conselho Directivo da FRETILIN - CDF e do Estado-Maior das FALANTIL - EMF e, sobretudo, porque a liderança máxima da CRRN é transferida ao Dr. Ramos Horta, até aqui assumindo as funções de Representante Especial da CRRN no exterior. Já a seguir vamos tecer algumas considerações sobre isso.

3 - Como dissemos, a nossa ausência à liderança da frente Armada não resolverá por si só o gravíssimo problema que afecta a Direcção da luta, mas situa-nos a questão fundamental e decisiva, problema que hoje enfrenta a Direcção, apesar de reconhecermos que constitui um passo significativo dado na direcção certa para

para a resolução da crise.

Todos nós estamos conscientes de que a capacidade subjectiva do Comando constitui o elemento fundamental, indispensável para o sucesso da nossa luta.

Todavia, as extremas dificuldades que a nossa direcção vive, consciente-mo-plena das suas capacidades subjectivas (Comando e graves perturbações culturais, as deficiências teóricas e desorganização da direcção) que se-sobrando cada elemento da direcção, quer considerações a direcção como um todo; como ainda a consciência que se tem hoje da extrema-ização da guerra não apenas como uma hipótese aventada mas como uma possibilidade real a curto ou a longo prazo e temos em conta que tal como na Frente Armada, a frente clandestina nunca se escapará dos contínuos golpes que o inimigo continuará desferir contra nós a consciente também que a nossa luta chegou a uma fase em se desenvolvimento em que o factor diplomático ocupará uma grande decisiva na solução do arrastado problema de Timor-Leste (e bem que nós podemos precisar nunca as acções políticas dum modo pejorativo frente do inimigo e as acções armadas dos guerrilheiros das FALINTIL enquanto exclusivas) surge uma necessidade imperiosa da luta garantirmos a permanência e continuidade da resistência organizada do nosso Povo em todos os planos, tendo como condição fundamental e vital a existência de uma direcção capacitada, segura, estável e combativa, quer no interior de Timor-Leste, sobretudo, no estrangeiro.

Considerando todos estes factores e princípios políticos básicos que presidiram à existência do CNRM, princípios cuja observância rigorosa se constitui a condição fundamental para a manutenção e criação de uma Organização de Resistência Nacional à ocupação indonésia, a direcção da luta ao plano interno decidiu, em interesse vitais da luta, proceder a transferência dos poderes de decisão global sobre a luta na rep. a Liderança máxima do CNRM ao Dr. Ramos

Hoste, até agora desempenhando as funções de Representante Especial do CNRM no estrangeiro.

Esta decisão marca uma viragem histórica, sem precedentes na história da Condução da nossa Luta pela subversão das forças que dominam interna e externamente, procurando a liderança externa a Comandar o interno pelas contradições e especificidades da nossa luta. Como consequência disso, urge reedificar as estruturas a funcionar no interior da Pátria, tanto na frente armada quanto na frente clandestina, já que na frente externa as competências estão entregues ao líder máximo do CNRM.

Prevemos que Jakarta se apressará em fazer o aproveitamento político diplomático desta situação ou seja, desta decisão histórica sem precedentes na história da nossa Luta, movendo a sua diplomacia a explorar o aspectos negativos desta nossa decisão, mas pensamos que a acção da Indonésia terá apenas efeitos imediatos enquanto que a nossa histórica decisão cumpre uma dupla função: responder a causa actual que informa a nossa luta e, garantir, pelo tempo fora, a continuidade da resistência organizada do nosso Povo em todos os planos até à libertação total da nossa Pátria e do nosso Povo.

Por outro lado, esta forma de Direcção não é um ponto pacífico para ser merecer legitimidade e reconhecimento internacional. É normal que assim o fosse, as condições específicas da nossa luta é que determinaram esta passagem. Se o Povo palestino que luta há mais de duas décadas para edificar um estado palestino livre e que luta em condições específicas muito favoráveis teve a sua Direcção, a OLP no estrangeiro, donde dirige a intifada palestina contra o sionismo de Israel porque é que não terá possível a nossa Direcção estruturar-se no estrangeiro?

Embora nunca desejássemos fazer tais posições de situação pro-

que reconhecem a especificidade da Constituição em que cada luta desenvolve, a OLP recebe um apoio internacional incomparavelmente superior ao nós. A OLP tem uma implantação internacional considerável, a OLP luta numa área geo-política totalmente favorável e com meios de comunicação sofisticados enquanto que nós temos poucos apoios internacionais, lutamos numa área geo-política totalmente hostil à nós, estamos bloqueados pelo nosso principal inimigo por ar, mar e terra, com grandes ou inconcebíveis dificuldades de Comunicação, etc, mas não será por isso que se alegitimará a Direcção nacionalista de luta interna - ou no exterior.

4- Assim, pela inversão dos papéis do interno e externo ou da direcção interna e externa, a Direcção da luta na frente Armada desempenha o papel de direcção somente no plano interno, subentendo-se a Liderança nacional no exterior.

Funcionam por isso mesmo, dois orgãos de luta no plano interno: - o Conselho Executivo da luta/frente Armada - CELIFA e o Comité Executivo de luta/frente Clandestina, cuja relação com o CNRM - o orgão máximo de luta, são todos orgãos executivos, mas com a particularidade de que a frente Armada continua a desempenhar um papel de liderança sobre a frente Clandestina.

Constitui cada orgão executivo de luta 5 (cinco) membros do CNRM, representando assim o efectivo da Direcção da luta no plano interno, para um total de 10 (dez) membros da Direcção superior do CNRM no plano interno.

Lº - Na Resistência Armada, o Conselho Executivo de luta/frente Armada é constituído por um Comissariado Político Militar da Resistência Armada presidida pelo Chefe da Comissão Directiva da Freticlin - COF e do Estado-Maior das FALIMTIL - EMG.

a. 1. Do Chefia da Comissão Directiva da FRETICLIN.

- Nino Vieira Gusmão - Secretário da COF, pro

acumulação) é o Chefe do Conselho Executivo da Luta - Lú Ólo, Vice-secretário do CDF, responsável pela mobilização do Povo de Timor-Leste à luta.

B- DA Chefia do Estado-Maior das FALINTIL-EMP.

- Taur Matan Ruak, Chefe do Estado-Maior
- Lere Anan Timur e Alex David Daritula, sub-chefes do Estado-Maior das FALINTIL

A chefia do Estado-Maior das FALINTIL é o que comanda as FALINTIL no terreno, accionando as FALINTIL para manter vivas as chamas da Resistência Armada.

C- Quanto a Frente Clandestina, por razões de segurança a sua estrutura não é revelada. Cabera a Direcção da Frente Armada contactar a Direcção da Frente Clandestina para estudar a modalidade da organização, estruturando a Direcção desta frente da Luta.

Compatriotas Mauberes
Companheiros de Luta

A nossa luta vive um momento de profunda depressão! Os danos que sofremos no plano interno são devastadores e quanto a nós, a frente clandestina da nossa luta foi a mais seriamente atingida pelas tropas indonésias, foi a mais prejudicada pelos golpes que o IN. disferiu contra a nossa luta.

O "vazio de direcção" é a característica geral da nossa luta que se traduz na prática a nossa desorganização no actual momento. Mas para a Frente Clandestina, o vazio de Direcção não existe apenas a certos aspectos, encontra explicação, tem significação em todo o sentido da palavra.

Os desmantelamentos das nossas organizações clandestinas, as capturas

e os apressamentos dos seus diversos responsáveis que se sucederam à captura do nosso líder máximo, Xiconde Bumanhã, os quais tiveram lugar na sequência da sua captura, tiveram a capacidade de desorganizar totalmente a Frente Clandestina de nossa luta, a partir da sua cúpula, o Comité Executivo/Frente Clandestina - CE/FC até aos níveis mais baixos. Aliás, o CE/FC foi praticamente aliquidado. Alguns dos seus membros foram presos, outros por causa das perseguições incessantes do inimigo, optaram abandonar a nossa Pátria, emigrando para o estrangeiro.

Por isso mesmo, a Frente Clandestina vive um momento de desorganização total, a repressão inimiga é tal que muitos companheiros recusam-se simplesmente. A ferocidade monstruosa da perseguição inimiga, a violência brutal, o terror à máxima escala fazem com que muitos companheiros se sintam desanimados, desmoralizados e desorientados pelo futuro incerto da nossa luta. Outros, embora mantendo-se firmes e determinados vivem uma situação de ingenuidade e insegurança pelo silêncio das direcções da luta na frente armada, mesmo pensando ter chegado já o momento para desfazendo esta situação.

Há que ter coragem, camaradas companheiros da Frente Clandestina, há que ter coragem para reorganizar dos escombros do edifício da nossa organização destruída, a nova estrutura da nossa organização.

Devemos reorganizar-nos para melhor servirmos a Pátria, pois só uma organização eficaz e viável que possa congregar os nossos esforços na luta, poderá estar capaz de enfrentar o poderoso inimigo no seu próprio terreno de combate!

As dificuldades não devem constituir para nenhum de nós motivo de desânimo, de desmoralização, de desorientação e muito menos de desespero. Nós, todos devemos encarar as dificuldades como sendo próprias da nossa guerra, e como sendo o resultado das difíceis condições específicas da nossa luta, vamos enfrentá-las com valentia e determinação ímpares, a coberto e vencendo-as

agressão e ocupação militar indonésia à nossa Pátria. As dificuldades, por isso mesmo, constituem para nós um motivo de permanente reflexão sobre a realidade da nossa luta; as dificuldades devem obrigar-nos coragem para encararmos com serenidade as cada vez mais crescentes e pesadas situações que o inimigo nos impõe; as dificuldades devem constituir para nós todos a nossa real e imperiosa vontade, a nossa e determinação em vencer, as dificuldades devem constituir para nós de um só e para nós todos, a verdadeira alavanca das nossas iniciativas em busca de formas de luta para vencermos à ocupação, fazendo mover a nossa imaginação criadora! Nós todos devemos a partir desta dificílima situação de luta ine-ver em nós reservas o espírito de auto-confiança individual e colectiva para podermos responder sempre prontos, em qualquer momento e para qualquer que seja circunstância, por mais difícil que ela seja, as ordens da luta.

Reorganizai-vos guerrilheiros companheiros, reorganizai-vos para os tempos de continuar a escrever uma história e uma epopeia resistência nos emigrantes da nossa Pátria, lutando para libertar a nossa Pátria e o nosso Povo dos vossos vossos do colonialismo indonésio.

Acreditamos que podeis reorganizar-vos porque sempre revelastes capacidade. Já no passado, nos períodos mais críticos e difíceis da nossa luta, nos anos 79/80, pudestes provar capacidade criativa para auto-organizar, em todos os pontos de território acreditamos que hoje, ainda em melhores condições porque vos reorganizardes, pois pudestes ganhar uma rica experiência com a vossa própria derrota, com o vosso sangue derramado, com vosso suor verdadeiro. Reorganizai-vos para a luta para que possais cumprir bem o vosso dever perante o nosso, de nossa pudeis corresponder aos esforços dos vossos irmãos que continuam resistindo para libertar a nossa

só assim podia também corresponder os esforços da nossa frente exterior. Sempre acreditamos que podia porque também sempre foi nossa convicção de que a nossa fraqueza é o grande suporte da nossa resistência e a nossa determinação é a base segura em que se alicerça a luta do nosso Povo.

Mas é preciso, acima de mais, combater o espírito de independência, é preciso erradicar de uma vez por todas o espírito de aventura, o espírito de competição, a mania de querer fazer mais e pode mais, as vis facciosismos e sectarismos, as indisciplinas e irresponsabilidades que foram sempre a verdadeira porta de entrada de infiltrações inimigas no nosso seio e que muito nos custou a uma luta.

Há que cerrar fileiras para impedirmos novas infiltrações do inimigo no seio, há que saber assumir com coragem a palavra de ordem: Disciplina e Responsabilidade!

Pátria ou Morte!

A Luta Continua em todas as frentes

Montanhas da Pátria, Timor-Leste, em 25 dias do mês de Abril de 1993

A Chefia do CELTA

Xanana Gusmão
Chefe do Conselho